



EDUCAÇÃO SEXUAL E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS

Edson Lima¹

Graziela Brito de Almeida²

RESUMO

Este estudo tem o objetivo de analisar as diferentes abordagens sobre sexualidade no contexto brasileiro e os conflitos oriundos desse tema na instituição escolar, destacando as diversas concepções sobre práticas do professor no que se refere aos aspectos relevantes da educação sexual. Atualmente, as escolas, ainda, apresentam dificuldades em trabalhar algumas questões que perpassam o processo de desenvolvimento das crianças e jovens, na medida em que umas mais que outras se apresentam quase que imperceptíveis em determinados contextos sociais. Contudo, a escola é uma instituição composta singularidades e diversidades, o que leva a ocorrência de confrontos conceituais e, em alguns casos, preconceitos e violência. Essa dificuldade vem sendo discutida por vários séculos na história da humanidade e, no momento atual, o profissional da área de ensino não deve se eximir da responsabilidade de focar as tendências e orientações que movem a intervenção docente, no cotidiano da sala de aula, no que se refere à sexualidade, a fim de proporcionar a compreensão das dificuldades que os jovens vivenciam no contexto brasileiro. Consideramos que a problematização que gira em torno dessa temática deve ser enfrentada pelo professor no sentido de abrir espaços para o diálogo em sala de aula, substanciado pela busca de respostas aos possíveis questionamentos, no sentido de ampliar o processo de ensinagem.

Palavras-chave: sexualidade, intervenção docente, escola, processo de ensinagem.

ABSTRACT

This study aims to examine the different approaches to sexuality in the Brazilian context and the conflicts arising out of this subject in the school highlighting the different conceptions about the teacher practices that are referring to relevant aspects of sex education. Currently, the schools also have difficulties in handling some issues that underlie the process of development of children and young people, to the extent that some more than others are apparently almost imperceptible in certain social contexts. However, the school is an institution composed peculiarities and differences, leading to clashes occur conceptual and, in some cases, prejudice and violence. This difficulty has been discussed for several centuries in the history of mankind and, at present, the area of professional education should not evade the responsibility to focus on trends and directions that move the intervention teacher in daily classroom in regard to sexuality, to provide an understanding of the difficulties young people experience in the Brazilian context. We believe that the questioning revolves around this theme should be addressed by the teacher to open up spaces for dialogue in the classroom, substantiated by the search for answers to possible questions, to expand and *ensinagem* process.

¹ Licenciando em Pedagogia, Universidade Católica de Pernambuco, edsonlima88@yahoo.com.br

² Professora Msc. do Curso de Pedagogia, Universidade Católica de Pernambuco, ielapesquisa@yahoo.com.br



Key-words: sexuality, intervention teacher, school, *ensinagem* process.

INTRODUÇÃO

O tema da sexualidade na sociedade compreende polêmicas, mitos e preconceitos, o que incide diretamente na área da educação. O desenvolvimento de debates, abordagens e críticas sobre o tema da sexualidade em diferentes espaços da sociedade tem gerado enfrentamentos nas diversas esferas, a partir do processo contínuo de manifestações de resistência às questões emergentes sobre a sexualidade, em especial, no espaço escolar.

O profissional de ensino necessita, portanto, se preparar no sentido de estar atualizado nas temáticas para ter condições de dialogar com os jovens sedentos de conhecimentos e transbordando de desejos, dúvidas, incertezas, angústias e conflitos internos relacionados com as mudanças físicas, comportamentais e emocionais, comuns à sua fase de evolução.

No contexto brasileiro, as abordagens educacionais, ainda, conservam práticas pedagógicas que dificultam o processo de discussão das vivências e circunstâncias que envolvem o jovem. Consideramos que necessita aprender a superar as dificuldades presentes no seu desenvolvimento biopsicossocial. Contudo, em grande parte, a família não consegue abordar com naturalidade temas básicos sobre a sexualidade, tão fundamentais para discutir dificuldades enfrentadas nesta etapa crucial do desenvolvimento do ser humano.

A sexualidade engloba dinamismo que perpassam os limites reprodutivos avançando por sentimentos de prazer e satisfação. É importante ressaltar que “se manifesta numa dada cultura e que, historicamente, cada sociedade a considera em termos de comportamentos adequados ou não-adequados, que devem ser incentivados ou reprimidos” (MAIA, 2009, p. 284). Desta forma, a sexualidade como um aspecto da identidade cultural contempla desejos íntimos quanto ao sexo sendo observáveis ou não observáveis, revelando sua orientação sexual, identidade sexual, erotismo, gênero, envolvimento emocional e, sobretudo, a reprodução desejável.

A sexualidade enquanto identidade cultural remete ao processo de autoconhecimento definido geralmente na adolescência quando ocorre amadurecimento biopsicossocial. Não é uniforme para todas as culturas, que se diferenciam entre si por diversos fatores adaptando-se aos processos sócio-históricos de cada povo em certo lugar do mundo.

Segundo Letícia Lanz (2008, p. 1), podemos entender sexualidade como

(...) um termo composto por elementos de diversas esferas, do biológico ao sociopolítico, do genético ao psicológico, onde a educação recebida desde o berço e ao longo de toda vida cumprirá sempre um papel preponderante. Lidando simultaneamente com tantas variáveis, a sexualidade humana é o resultado e, ao mesmo tempo, a conseqüência direta da personalidade e das relações interpessoais de cada indivíduo, incluindo sua auto-percepção, sua auto-estima, sua história pessoal, a imagem de corpoalém, o amor, a intimidade, pensamentos, fantasias e desejos eróticos, etc.

Podemos afirmar que a sexualidade se apresenta como um tema permeado de complexidade e de concepções que limitem seu redimensionamento, confirmando a possibilidade de confundir mentalmente os jovens e causando reações comportamentais e emocionais fora da aceitação da sociedade historicamente preconceituosa.

Segundo Ana Cláudia Bortolozzi Maia (2009), professora do departamento de Psicologia da Universidade Estadual Paulista (UNESP), de Bauru, ressalta que para se



sentirem inseridos no grupo, os jovens adotam comportamentos, como consumir bebidas alcoólicas e drogas ou assumir determinados comportamentos sexuais, sem estarem de fato conscientes dessas atitudes e, portanto, preparados para as possíveis conseqüências dessas escolhas. É preciso refletir sempre os “porquês” das nossas atitudes, especialmente quando elas exigem responsabilidades pessoais e sociais.

Compreendemos que a aceitação dos jovens dentro do círculo social que lhe interessa é transcendente a qualquer conceito pré-formado na sua ética e valores construídos na sua vida sendo oferecidas atitudes involuntárias para satisfazer a vontade do grupo incluído.

O adolescente ao perceber-se imerso numa fase de mudanças, a princípio incompreensíveis, imediatamente tende a optar por caminhos desconhecidos, confusos e diferentes. É um processo intrínseco ao desenvolvimento humano que se caracterizou por crescimento/ amadurecimento físico, mudanças comportamentais e ideológicas.

O início da adolescência, em alguns estudos, ocorre exatamente no começo da puberdade, geralmente, na faixa etária entre 10 e 11 anos para as meninas, com o início do desenvolvimento dos seios e o crescimento dos pelos púbicos. Já para os meninos ocorre entre 12 e 16 anos, com o aumento do tamanho dos testículos e o crescimento também dos pelos púbicos (COMITÊ SOBRE ADOLESCÊNCIA DO GRUPO PARA O ADIANTAMENTO DA PSIQUIATRIA, 1968). Em outros, encontramos que nem sempre a adolescência coincide com o início da puberdade, ou seja, existem outros fatores socioculturais que influenciam na mudança de fase do desenvolvimento humano.

Entendemos que a determinação do início da adolescência não se apresenta como uma tarefa simples, já que envolve um contexto singularmente complexo e que não se apóia apenas em certas constâncias dos elementos psicológicos e definições de transformações físicas (OSÓRIO, 1991). O desenvolvimento biopsicossocial do adolescente tem uma forte base na puberdade, não sendo o único fator que determina o seu início. O fim da puberdade, normalmente em torno dos 18 anos, coincide com a conclusão do desenvolvimento físico característico deste período. Contudo, o término da adolescência está atrelado a uma série de fatores de natureza sociocultural, quando se estabelece a identidade sexual e cultural e a formação ética pessoal e profissional (OSÓRIO, 1991). Na adolescência, o dilema sexual está estritamente relacionado à puberdade com o aparecimento explícito do desejo sexual, erotismo e envolvimento emocional.

Osório (1991) ressalta que a educação sexual proporcionada pelos progenitores aos rapazes limita-se às advertências sobre Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST) e para moças o cuidado com higiene que cercam os períodos menstruais, o que demonstra a fragilidade das informações presentes na sociedade para que os pais possam assumir com tranquilidade e competência a educação sexual dos filhos, muito embora tenhamos orientações sobre a sexualidade com informativos educacionais a partir de políticas públicas adotadas tanto na esfera estadual quanto na federal.

Osório (1991) afirma, ainda, que os problemas sexuais atuais não são tão diferentes daqueles vivenciados pelas gerações anteriores, o grau de permissividade é que se apresenta maior, mas sem resolução dos conflitos na área sexual. Isso mostra também que esse dilema é incorporado no contexto sócio-histórico da evolução humana proporcionando dificuldades antropológicas complexas e indelevelmente imutáveis.

Castro, Abramovay e Silva (2004) evidenciam, uma das várias dificuldades enfrentadas pelas sociedades, a gravidez juvenil compreendida entre 10 e 24 anos no Brasil dentro do Relatório Mundial sobre População da ONU apresenta o país acima da média



mundial de gravidez na adolescência, que é de 50 nascimentos por mil mulheres. No estudo mostra que possíveis causas não seriam a falta de informação dos pais sobre anticoncepcionais e sim por conta de falta de consciência. Outro problema abordado nesse estudo é sobre o aborto, destacando que todos os anos quatro milhões e duzentas mil mulheres submetem-se a abortos e 95%, ou seja, três milhões e novecentos mil acontecem na ilegalidade (OMS, 1998), na América Latina e no Caribe. No Brasil, a cada mil grávidas, nessa fase, trinta e duas cometem abortos em jovens de quinze a dezenove anos corroborando para constituir um grupo em situação de risco, podendo levar a morte abortos ilegais devido a infecções sérias. Outro aspecto, que está vinculado intimamente ao aborto e gravidez, é a contracepção, com a função de preservação e prevenção das doenças transmitidas sexualmente. Ao serem analisados os relatos dos/as jovens sobre essa temática, esse estudo indica, por um lado, que são esclarecidas sobre os tipos de contraceptivos, como a utilização de camisinha, diafragma, DIU, pílulas, ligação de trompa e vasectomia. E por outro, mostra que ao homem cabe a função de prevenir doenças sexualmente transmissíveis e a mulher cuidar da fecundidade.

Nesta perspectiva, a alternativa mais usual para o adolescente compreender essa fase é discutir com outros jovens que passam pela mesma circunstância, pois se sentem a vontade para conversar sobre o assunto, pois jovem gosta mesmo é de compartilhar fora do ambiente escolar ou familiar experiências que enriquecem seu domínio de conhecimento sexual, logo os amigos são fundamentais nesse compartilhamento informal de informações, substanciando a idéia de buscar no outro adolescente uma possibilidade de juntos buscarem respostas pouco satisfatórias e soluções não plausíveis.

Segundo Tonatto e Sapiro (2002) defendem que os adolescentes por terem a mesma faixa etária se entenderiam melhor com os problemas que eles estão enfrentando, concretizando a ideologia de compartilhamento de problemas pode fortificar um grupo por apoiar-se um no outro formando uma equipe determinada nos seus objetivos. Mas, também, pode acabar gerando mais dúvidas e inquietações, para dificultar mais do que solucionar.

Compreendemos que a abordagem da sexualidade na sala de aula se torna importante enquanto espaço de discussões, pesquisas, de diálogo. E está atrelada, fundamentalmente, à concepção da adolescência elaborada pelo professor. Portanto, adolescência enquanto uma etapa evolutiva peculiar ao ser humano sugere o processo maturativo biopsicossocial do indivíduo (OSÓRIO, 1991) caracterizado, em especial, como um ciclo decisivo para demarcação de diferenças de gênero no campo da identidade cultural (ABRAMOVAY, CASTRO, SILVA, 2004).

Podemos inferir que o desenvolvimento da fase adolescente ocorre com o amadurecimento dos aspectos sociais, psicológicos e biológicos construindo a identidade cultural que se apresenta como fator importante da sexualidade na vida do ser humano. Como mecanismo biopsicossocial os adolescentes demonstram espontânea e naturalmente imposições agressivas e sexuais diretamente, através de um processo primário. Segundo Rita Melissa Lepre (2003, p.4), a adolescência configura-se como

marcado por diversos fatores, mas, sem dúvida, o mais importante é a tomada de consciência de um novo espaço no mundo, a entrada em uma nova realidade que produz confusão de conceitos e perda de certas referências. O encontro dos iguais no mundo dos diferentes é o que caracteriza a formação dos grupos de adolescentes, que se tornarão lugar de livre expressão e de reestruturação da personalidade, ainda que essa fique por algum tempo sendo coletiva.



Assim, ao tratar da questão da sexualidade na adolescência é imprescindível lembrar as conseqüências e dos fatores inclusos no meio cultural do jovem abordado na sala de aula porque diferente de questões elementares a educação sexual precisa incluir visões complexas e multifocais.

Consideramos que a escola junto com a família precisa pensar juntos para encontrar estratégias e superar os preconceitos. Além disso, tentar conscientizar o jovem a partir da educação sexual pode ajudar nas escolhas relacionadas à fase da adolescência. Na escola, o responsável pela instrução e encaminhamento do adolescente é o professor, que poderá esclarecer por diálogo, debate, seminário, pesquisas sobre os aspectos da sexualidade.

Considerando esse contexto, pretendemos analisar as diferentes abordagens sobre sexualidade no contexto brasileiro e os conflitos oriundos desse tema na instituição escolar, destacando as diversas concepções sobre práticas do professor no que se refere aos aspectos relevantes da educação sexual.

MÚLTIPLAS ABORDAGENS SOBRE A SEXUALIDADE

Historicamente, a família representa ou reproduz dogmas e preconceitos quanto à criação dos filhos de sexos opostos, no que se refere ao filho é permitido e algumas vezes incentivado maior liberdade sexual na orientação heterossexual, mas já a filha mesmo com orientação heterossexual existe repressão sexual porque no mundo sempre prevaleceu o machismo utilizando de força física para repreender qualquer desejo ou orientação sexual diferente do padrão desenvolvido na sociedade.

Podemos imaginar o pai como o primeiro e mais importante educador e, de fato, ele o é, posto que atua na fase do desenvolvimento mais sensível e vulnerável da evolução humana: a primeira infância (BERNARDI, 1985). O primeiro contato social do ser humano que traduz sua cultura particular é a família. Nela, o homem aprende as fundamentais lições para a vida como a fala, o caminhar, o ouvir, o comer, o respeito e a moral.

Quando referimos à família tradicional, duas funções básicas são construídas: a inicial é a imposição da autoridade no exercício da sexualidade dos filhos e a outra é a apresentação do modelo ideal de comportamento sexual (BERNARDI, 1985). Dessa forma, a família acaba sendo o início dos conflitos no desenvolvimento da identidade sexual do filho adolescente imerso numa sociedade injusta e cruel.

Segundo Escardó (1954), “na atualidade coexistem o gênero humano em tipos de família constituídos sobre princípios morais e psicológicos diferentes e ainda contraditórios” (Apud OSORIO, 1989, p. 28), indicando diferentes e indecifráveis famílias, que remete a visões da sociedade divergentes para os adolescentes causando confusão sobre muitos conceitos, entre outros, o da sexualidade. A família acaba camuflando as múltiplas questões que envolvem o sexo e o gênero, acarretando a busca de respostas dos adolescentes nas demais instituições sociais, que a princípio não apresenta a função inicial de esclarecer tais assuntos.

A escola, por sua vez, é uma instituição social que objetiva instruir, educar, ensinar os indivíduos para enfrentar a vida social com mecanismos sustentadores e essenciais na luta por ambientes inclusos e transformadores na sociedade.

A educação sexual, ainda, revela grande dificuldade para ser implanta nas escolas, apresentando, apenas, a perspectiva de propiciar o conhecimento superficial uma vez que existem barreiras didáticas do educador quanto ao ensino de gêneros, orientações sexuais, gravidez, DST, entre outros assuntos relacionados à sexualidade juvenil. Podemos considerar



que as políticas públicas são incipientes no que se refere ao preparo de profissionais de ensino para lidar com temas, tais como a sexofobia ou heterofobia, homofobia, heteronormatividade e outros preconceitos que estão presentes na sala de aula, incorporados desde muitos séculos atrás e antes da própria escola existir como instituição.

Neste sentido, é fundamental desconstruir conceitos machistas ou feministas no sentido da transformação do processo de ensino, para a inclusão de minorias sociais como homossexuais e deficientes. Contudo, é defendida a função específica da escola de manter os jovens isolados de sua condição de integrante da sociedade, da construção da sua história e da participação de sua cultura, além de terminar o período escolar e se tornarem adultos que não desenvolvam conflitos ou problemas (BERNARDI, 1985).

Compreendemos que o processo de educação sexual nas escolas é dessexualizante e desmotivador porque emprega caminhos repressivos e autoritários na construção de conceitos, além de oferecer aos jovens pouca ou nenhuma estrutura para dialogar sobre sexualidade. Então, onde o adolescente poderá buscar e encontrar solução aos seus questionamentos internos, se nem sua família nem a escola atendem aos conflitos que está passando? Independente de onde encontrar, o adolescente irá procurar e achar as respostas, pois é fundamental a sua evolução na vida.

De acordo com Chaves, Queiroz e Guerra (2004, p. 5) no que se refere à educação sexual,

o interesse sobre sexualidade no contexto escolar reforça a característica multidimensional do processo ensino-aprendizagem, mostrando que o desenvolvimento cognitivo do indivíduo é estreitamente relacionado e, portanto, influenciado por seu desenvolvimento pessoal e social, no qual a sexualidade e afetividade têm papéis fundamentais.

Podemos inferir que o processo dessexualizante na escola interfere diretamente no amadurecimento psicossocial do adolescente causando transtornos emocionais ou comportamentais oriundos da má formação escolar e falta de orientação para individualizar seu gênero, orientação sexual, erotismo e identidade sexual.

Outro fator determinante no empreendimento do pensamento dos jovens sobre sexualidade é a dicotomia que não pode haver entre o pouco que se ensina na escola com o que se instrui na família, pois discursos diferentes entre os educadores, importantes na vida do jovem, podem deixá-lo mais confuso, levantando a possibilidade de pensar que o discurso de um dos dois ou os dois serem contraditórios e um ou os dois estarem errados.

É fundamental, portanto, haver coerência entre pais e professores ao abordar temas de educação sexual, precisando ser desenvolvido um trabalho integrado regular onde se possa alcançar um consenso sobre o processo de aprendizagem necessária ao adolescente, fundada na base familiar e reforçada no ambiente escolar.

No âmbito da sociedade, contudo, torna-se difícil o diálogo dos problemas juvenis sobre sexualidade, muito embora, Ericeira (2004) defende surgimento de uma corrente sócio-histórica que sinaliza a licenciosidade sexual brasileira como um mecanismo comportamental próprio na região da população brasileira, que ao longo de um período conviveria com uma prática naturalizada da sexualidade incorporada ao ethos. Por sua vez, sempre existiria uma permissividade fundante no Brasil em aceitar as inúmeras facetadas das práticas referentes ao comportamento sexual sem inibi-las ou rotulá-las preconceituosamente de pecaminosas.

Segundo Parker (1991, Apud CANO; FERRIARI, 2000), além de patriarcalismo ser



uma instituição familiar e social, constitui-se de forma ideológica mesclando as concepções de homens e mulheres estariam em situação de oposição, sendo o homem forte, imponente, viril, ativo e potencialmente tendente à violência enquanto a mulher seria fraca, bela, dócil e submissa sob qualquer posição estruturada na sociedade ao homem. Afirmando, que a extrema oposição culmina num dualismo moral explícito que encoraja e intensifica a hierarquia de gênero presente, sobretudo no contexto brasileiro. O autor ressalta, também, que a sexualidade vem sendo debatida em vários espaços gerando dicotomias quanto à concepção da sociedade e “sua importância fica ainda mais pronunciada quando controvérsias sobre o aborto, os direitos das minorias sexuais”, o que reforça a prática do diálogo e introdução de políticas de conscientização sobre temas difíceis de ser discutidos na sociedade que permanece com a visão preconceituosa a respeito da sexualidade nas mais diversas formas e tamanhos.

PRÁTICAS PEDAGÓGICAS SOBRE SEXUALIDADE

Frente ao dilema sexual que perpassa a fase da adolescência, é fundamental que o educador ensine de forma verdadeira e tangível a utilização dos conhecimentos, na medida em que a Escola, enquanto instituição social, precisa incluir na sala de aula abordagens que possibilitem o acesso às informações e transforme-as em conhecimento, a fim de esclarecer sobre as mais diversas questões que giram em torno da sexualidade humana, sobre aborto, gravidez, contracepção, homossexualismo, erotismo, identidade sexual, DST, entre outras importantes, além dos conteúdos especificados na matriz curricular.

A metodologia utilizada pelo professor pode ser a mais variada possível observando e avaliando qual melhor didática sobre sexualidade lidar em cada sala de aula. Diálogo, seminário, pesquisas, debates, mesas redondas, palestras e formas lúdico-culturais que estimulem os alunos no entendimento de dificuldades sexuais presentes na adolescência.

De acordo com Lopes (2008), na sala de aula o tema da sexualidade é, em geral, um tabu pelo menos nos discursos legitimados pelos/as professores/as ao trabalhar com a educação sexual opacizando a multiplicidade de concepções e conseqüências sociopolíticas e culturais ao entender como dificuldade individualizada. Afirmo que na sala de aula são visualizados corpos sem desejo, sem pensar em sexo, especialmente. Os jovens são tidos como dessexualizados na escola, como se corpo e mente existisse separadamente ou se os significados, constitutivos daquilo que somos, sabemos e aprendemos, existisse desvinculados de nossos desejos.

Bruschini (1980) afirma que o papel do educador no âmbito da educação sexual

(...) seria mostrar diferentes pontos de vista sobre as várias questões relativas ao sexo, ajudando os jovens a construir valores que orientem seu modo de vida e padrões por meio dos quais decidam sua conduta sexual. Construir um sistema de valores é especialmente difícil porque, enquanto alguns deles são inquestionáveis, outros são bastante polêmicos. Princípios como liberdade e integridade pessoal, consideração pelos outros e igualdade entre homens e mulheres, por exemplo, devem ser enfatizados e constantemente lembrados (Apud ROSEMBERG, 1985, p.17).

A abordagem adotada na sala de aula pelo professor é objetivada com o auxílio do aluno na construção dos seus valores e identidade sexual. A contribuição do educador proporciona bem-estar emocional e evita a confusão cognitiva na busca de respostas às perguntas desenvolvidas ao longo da adolescência e precisa ser encarada como natural ao ser humano.



Entendemos a educação sexual segundo a perspectiva interdisciplinar como abordagem de diferentes disciplinas, harmonizando o conhecimento da sexualidade e discernindo o caminho didático na prática educacional. A interdisciplinaridade trata o conhecimento independente da área de atuação. É preciso ter primeiramente sensibilidade, pois não se aprende e não se ensina, apenas vive-se, exerce-se conforme as circunstâncias. É um trabalho comum que se desenvolve na interação entre as disciplinas científicas, englobando os conceitos, metodologias, dados e organização do processo de ensinagem.

Tonatto e Sapiro (2002, p. 171) entendem a interdisciplinaridade enquanto contribuição

(...) para a busca de resoluções fundadas em raciocínio crítico e conhecimento na problematização dos temas referentes à sexualidade por parte dos adolescentes, de uma forma integrada e não alienada ao contexto em que vivem.

A compreensão sobre a sexualidade a partir da interação entre disciplinas pode gerar melhor apreensão da situação global da educação sexual proporcionando mais metodologias no ensino e envolvendo professores de diversas áreas do conhecimento. Por exemplo, é possível um professor de matemática na sala de aula interagindo com um professor de sociologia ou história ao desenvolverem gráficos da situação histórica da gravidez ou aborto dentro de uma sociedade analisando o contexto sócio-histórico e ensinando a relação entre as disciplinas. É necessário empenho e dedicação do professor em preparar uma aula a propósito da sexualidade, uma vez que o êxito em trabalhar com o jovem a construção de sua identidade sexual reforça os laços de satisfação e realização profissional.

Porém, o estudo dos autores acima revelou que para efetivação é preciso ressignificar substancialmente a prática na relação ensino-aprendizagem porque enquanto se empregar uma prática de conformidade para que possamos avançar nos debates e, conseqüentemente na transformação da educação sexual.

Anastasiou (1998) empreende uma busca por uma metodologia diferente na prática docente ao utilizar dos processos de ensinagem que constitui uma prática social refletindo a integração entre as partes, professor e aluno, englobando tanto a ação de ensinar quanto a de apreender dentro de um contexto contratual, revelando uma 'parceria deliberada e consciente para o enfrentamento' na formulação do conhecimento escolar com ações internas e externas a sala de aula.

Nesta perspectiva, ocorre uma desconstrução da aula tradicional na qual o professor não vai mais passar conteúdos de maneira apenas expositiva. O professor e aluno passam a saborear o conhecimento dialogado a partir do processo de ensinagem que tem como ponto de partida os seguintes questionamentos: o saber quê, um saber como, um saber por que e um saber para quê. Com isso, o professor pode abordar dialeticamente sua estrutura pedagógica mais efetiva e objetiva, ao invés de simplesmente trabalhar assuntos desconectados da realidade do adolescente dentro e fora da sala de aula.

O processo de ensinagem exige formação e atualização em assuntos fundamentais ao desenvolvimento do ser humano, mais responsável e ético. Romper com o paradigma pautado no procedimento da aula tradicional pode estimular o professor ao abordar temas ligados à educação sexual que permeia a mente dos alunos e que a sociedade impede as manifestações abertas, claras e concisas no diálogo entre educador e aluno.

Para Anastasiou (1998, p. 5),



como a aprendizagem exige a compreensão e apreensão do conteúdo pelo aluno, é essencial a construção de um conjunto relacional, de uma rede, de um sistema, onde o novo conhecimento apreendido pelo aluno amplia ou modifica o sistema inicial, a cada contato. Quando isso ocorre, a visão sincrética, inicial, caótica e não elaborada, que o aluno trazia inicialmente, pode ser superada e re-elaborada numa síntese qualitativamente superior, através da análise via metodologia dialética.

Neste sentido, a compreensão e apreensão são fatores relacionados que contribui a processo de ensinagem. Ademais, de propiciar mais liberdade para discutir assuntos tais como homossexualismo, aborto, métodos contraceptivos, gravidez, dentre outros vinculados à educação sexual, que são muitas vezes criticados pela sociedade, motivo para preconceito e violência, e poderia ser abordado pelo profissional de ensino de forma justa, imparcial e decisiva para os jovens compreenderem melhor os processos de autoconhecimento da mente e do corpo.

Segundo Junqueira (2009, p. 18), os professores ainda não possuem “diretrizes e instrumentos adequados para enfrentar os desafios relacionados aos direitos sexuais e à diversidade sexual”. Reconhecemos que se faz necessário de processo de formação continuada para atualizar os professores quando eles forem tratar desses assuntos em sala de aula. Além disso, estudos mostram que a formação cultural, religiosa ou ética do professor pode ser associada aos conhecimentos específicos necessários para compreender o comportamento sexual dos adolescentes no momento atual, podendo o processo de ensinagem render aprendizagens satisfatórias e prazerosas para os adolescentes que passam por diversos problemas de identidade cultural, sexual e pessoal.

CONCLUSÕES

A construção do adolescente sob a ótica da família, escola e sociedade favorece a compreensão do dilema sexual que emerge de forma significativa na adolescência e, consequentemente, a orientação na (re) formulação das concepções sobre a sexualidade nesta fase a partir de ação conjunta e dialógica entre a família e a escola.

Compreendemos que as escolas e as famílias, ainda, apresentam dificuldades em trabalhar algumas questões que perpassam o processo de desenvolvimento das crianças e jovens, na medida em que umas mais que outras se apresentam quase que imperceptíveis em determinados contextos sociais. Contudo, a escola é uma instituição composta singularidades e diversidades, o que leva a ocorrência de confrontos conceituais e, em alguns casos, preconceitos e violência. Essa dificuldade vem sendo discutida por vários séculos na história da humanidade e, no momento atual, o profissional da área de ensino não deve se eximir da responsabilidade de focar as tendências e orientações que movem a intervenção docente, no cotidiano da sala de aula, no que se refere à sexualidade, a fim de proporcionar a compreensão das dificuldades que os jovens vivenciam no contexto brasileiro.

Assim sendo, reconhecemos a importância de práticas pedagógicas que propiciem espaços para o dialogo entre professor e aluno sobre os temas relacionados à educação sexual sem constranger ou reprimir comportamentos e desejos mesmo sendo diferentes dos que o educador carrega. O professor deve atualizar-se a respeito de assuntos sobre educação sexual para facilitar a construção por parte dos jovens de conhecimentos a partir de pesquisas. A prática do professor deve incentivar os jovens a ter uma saúde sexual plausível, orientando-os na sua formação pessoal e profissional.

Enfim, consideramos que a problematização que gira em torno dessa temática deve ser



enfrentada pelo professor no sentido de abrir espaços para o diálogo em sala de aula, substanciado pela busca de respostas aos possíveis questionamentos, no sentido de ampliar o processo de ensinagem.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Miriam; CASTRO, Mary Garcia; SILVA, Lorena Bernadete da. **Juventudes e sexualidade**. Brasília: UNESCO, Brasil, 2004.

ANASTASIOU, Léa da Graças Camargos. **Ensinar, aprender, apreender e processos de ensinagem**. Disponível em: <http://www.fcf.usp.br/Ensino/Graduacao/Disciplinas/Exclusivo/Inserir/Anexos/LinkAnexos/CCAPÍTUL%201%20LeaAnastasiou.pdf>. Acesso em: 15 set. 2010.

BERNARDI, Marcello. **A deseducação sexual**. São Paulo: Summus, 1985.

CANO, M. A. T.; FERRIANI, M. das G. C. Sexualidade na adolescência: um estudo bibliográfico. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 8, n. 2, p. 18-24, abril 2000.

CHAVES, Gustavo Batista; QUEIROZ, Eliza; GUERRA, Leonor Bezerra. **Apontamentos para trabalho em educação sexual nas escolas**. Disponível em: <http://www.ufmg.br/proex/arquivos/7Encontro/Educa34.pdf>. Acesso em: 29 out. 2010.

COMITÊ SOBRE ADOLESCÊNCIA DO GRUPO PARA O ADIANTAMENTO DA PSIQUIATRIA. **Dinâmica da adolescência**. São Paulo: Cultrix, 1968.

ERICEIRA, Ronald Clay dos Santos. **Sexualidade e sociedade**: estudo etnográfico e de gênero dos personagens femininos de uma escola de samba. Disponível em: http://www.ppgcsoc.ufma.br/Revista%20UFMA/n1/n1_Ronald_Ericeira.pdf. Acesso em: 02 nov. 2010.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz (Org.). **Diversidade Sexual na Educação**: problematizações sobre a homofobia nas escolas. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2009.

LANZ, Leticia. **Sexualidade**. Disponível em: http://www.leticianz.org/definicoes/def_sexualidade.htm. Acesso em: 30 out. 2010.

LEPRE, Rita Melissa. **Adolescência e construção da identidade**. Disponível em: <http://www.slowmind.net/adolescenza/lepre1.pdf>. Acesso em: 01 nov. 2010.

LOPES, Luiz Paulo Moita. Sexualidades em sala de aula: discurso, desejo e teoria queer. In: MOREIRA, Antonio Flávio; CANDAU, Vera Maria (Org.). **Multiculturalismo**: diferenças culturais e práticas pedagógicas. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

MAIA, Ana Claudia Bortolozzi. Sexualidade, Deficiência e Gênero: reflexões sobre padrões definidores de normalidade. In: JUNQUEIRA, Rogério Diniz (Org.). **Diversidade Sexual na Educação**: problematizações sobre a homofobia nas escolas. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2009.

MOREIRA, Antonio Flávio; CANDAU, Vera Maria (Org.). **Multiculturalismo**: diferenças culturais e práticas pedagógicas. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.



IV Colóquio de História

*Abordagens Interdisciplinares sobre História da Sexualidade
de 16 a 19 de novembro de 2010 - UNICAP*

OSÓRIO, Luiz Carlos. **Adolescente hoje**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

ROSEMBERG, FÚLVIA. **Educação sexual na escola**. Cad. Pesq., São Paulo (53): 11-19, maio/1985. Disponível em: <http://www.fcc.org.br/pesquisa/publicacoes/cp/arquivos/678.pdf>. Acesso em: 30 set. 2010.

TONATTO, S.; SAPIRO, C. M. Os Novos Parâmetros Curriculares das Escolas Brasileiras e Educação Sexual: uma proposta de intervenção em ciências. **Psicologia & Sociedade**, nº 14 (2), p. 163-175, jul./dez.2002.